

ENSINO DE LITERATURA COMO PRÁTICA SOCIAL: FORMANDO PROFESSORES – VIA EAD – PARA A CULTURA DAS MÍDIAS ESCRITAS E FÍLMICAS

Medianeira – PR – setembro/2012

Maria Fatima Menegazzo Nicodem – UTFPR – fatima@utfpr.edu.br
Janete Santa Maria Ribeiro – UTFPR – janetesantamaria@gmail.com

Categoria: B

Setor Educacional: 2

Classificação das Áreas de Pesquisa em EaD

Micro: C

Natureza: B

Classe: 2

RESUMO

Este trabalho é baseado em relato das práticas das autoras, professoras do Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, vinculadas ao campus de Medianeira, desenvolvido desde 2007, por meio de um projeto de expansão do ensino de Literatura com a utilização de mídias, ministrando-o na forma da disciplina “Literatura como Prática Social”, no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, na modalidade de Educação a Distância. O projeto em questão relaciona-se a aspectos como inovação tecnológica, uso de mídias educacionais, inclusão social e educacional, formação de professores para o ensino de literatura para atualidade e a inserção de momentos de ensino a distância, com o uso das mídias, especialmente fílmicas no ensino de literatura. Desta forma, as professoras utilizam como respaldo teórico, os estudos culturais, mesclando-os às teorias voltadas à pós-modernidade. Contemplam, também, durante a história do projeto, conteúdos e habilidades voltados para a vida da contemporaneidade, dentro e fora da sala de aula, inserindo aspectos como a globalização da educação e aspectos culturais transfronteiros, dado que a Instituição atua, tanto no campus da Universidade, quanto em vários polos, na região da tríplice fronteira – o que confere uma riqueza cultural sem precedentes ao ensino de literatura.

Palavras chave: ensino de literatura, mídias diversas, EaD.

1 – Introdução

As autoras, professoras do Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, vinculadas ao campus de Medianeira, desenvolvem um projeto de expansão do ensino de Literatura com a utilização de mídias, ministrando-o na forma da disciplina “Literatura como Prática Social”, no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, na modalidade de Educação a Distância. Este trabalho vem sendo realizado desde 2007.

O projeto em questão alia-se a aspectos como inovação tecnológica, uso de mídias educacionais, inclusão social e educacional, formação de professores para o ensino de literatura para atualidade e a inserção de momentos de ensino a distância, com o uso das mídias, especialmente fílmicas no ensino de literatura.

Desta forma, as professoras utilizam como respaldo teórico, os estudos culturais, mesclando-os às teorias voltadas à pós-modernidade.

Contemplam também, durante a história do projeto, conteúdos e habilidades voltados para a vida da contemporaneidade, dentro e fora da sala de aula, inserindo aspectos como a globalização da educação e aspectos culturais transfronteiros, dado que a Instituição atua, tanto no campus da Universidade, quanto em vários polos, na região da tríplice fronteira – o que confere uma riqueza cultural sem precedentes ao ensino de literatura.

Este projeto ~~é um projeto que~~ se renova e se implementa ~~todos os anos~~ ano a ano, sempre que se inicia uma nova turma ~~da~~ do Curso de Especialização já citado. O curso faz parte de um rol de cursos que fazem parte de um projeto maior da Universidade ~~e~~ que, por sua vez, se insere na Universidade Aberta do Brasil (UAB) com seu projeto construído pelo Ministério da Educação em parceria com os Estados, Municípios e Universidades Públicas de Ensino Superior para oferta de cursos de Graduação, Pós Graduação e de Extensão Universitária visando ampliar o número de vagas da educação superior para a sociedade, promover a formação inicial e continuada para os profissionais do magistério e para os profissionais da administração Pública. Os primeiros Polos começaram a ser instalados em 2007 e em 2012 chegam ao número de 750, sendo que a meta ~~é~~ chegar ao final de 2013 ao número de 1000 Polos, atendendo aproximadamente 800 alunos por Polo que

resultará em 800.000 alunos no total. O valor investido anualmente pelo Governo Federal é de aproximadamente 1 bilhão de reais. Atualmente, o sistema conta com 94 Instituições de Ensino Superior, atendendo aproximadamente 220.000 estudantes. Os Polos estão localizados em todas as regiões do Brasil, sempre em locais estratégicos e com grande demanda. (Dados do site <http://uab.pti.org.br/>).

2 – À luz do marco teórico: os Estudos Culturais, as Mídias e a EaD

Sabe-se que os Estudos Culturais (EC) não apresentam uma metodologia própria, caracterizando-se pela diversidade, pela gama de possibilidades metodológicas e uma significativa flexibilidade na absorção de várias metodologias. No entanto, há que se tomar cuidado, porque esta flexibilidade pode se configurar numa “faca de dois gumes”, já que o rol de metodologias disponíveis e aceitáveis pelos EC, podem transformar o trabalho final de pesquisa em uma “colcha de retalhos” – alguns chamariam de “Frankstein”. Um cuidado não menos importante é com o risco de afirmar que nos Estudos Culturais pode se inserir tudo, estudar tudo, usar e abusar da liberdade. Muito embora os Estudos Culturais não se caracterizem pela rigidez metodológica, como de outras concepções teórico-metodológicas, está bem distante de ser um bojo no qual cabe tudo, de “a” a “z”. A coerência é condição *sine qua non* em qualquer pesquisa e não é diferente naquela que se cerca dos EC como seu respaldo teórico.

No entanto, o campo dos EC não se desvela assim tranquilamente aos olhos do pesquisador; ao contrário, requer um necessário aprofundamento de conceitos que antecede a prática. Adequação e coerência podem ser consideradas a alma deste processo: algumas opções se constituem como melhores do que outras quando se trata dos Estudos Culturais. No entanto, mormente, tudo depende do objeto de pesquisa, dos objetivos, das metas da pesquisa e da trajetória que se propõe a empreender. Identidade, subjetividade, diversidade, equidade, fazem parte dos EC, mas outros recintos teóricos também utilizam tais palavras-chave em suas abordagens. É preciso saber que “identidade”, que “subjetividade”, que “diversidade” e que “equidade” se tem: que palavras são estas para a concepção dos Estudos Culturais?

Nosso objeto aqui é o ensino de literatura com o uso de mídias, considerando-se o AVEA (Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem) e a Plataforma escolhidas. E estas novas possibilidades contemporâneas cabem, sim, dentro dos Estudos Culturais, porque são objetos ainda construção e demandarão estudos constantes, dados os avanços tecnológicos que ocorrem incessantemente.

Os meandros da Educação a Distância são fascinantes, porque as portas que se abrem à inclusão misturam origens culturais, as mais diversas nos AVEAs. E quando o tema da disciplina, ajuda como é o caso da disciplina privilegiada pelo Projeto de Literatura como prática social engendrada estrategicamente pelo uso de mídias, então, o fascínio é redobrado. A EaD, a literatura e as mídias no AVEA – três vertentes que se fundem e recobrem o trabalho do professor de possibilidades sem fim, desvelando um universo fascinante.

Segundo Fischer (2007)^[1], cada vez que uma nova tecnologia de comunicação surge, cada vez que uma nova máquina de imagens se impõe, ela chega como moda e novidade e parece colocar na sombra “máquinas” anteriores: em sequencia, é o que aconteceu com o surgimento da fotografia, do cinema, da televisão, do vídeo, da imagem digital e da informática. Dubois (2004)^[2] vai direto ao ponto: na verdade, a cada nova tecnologia de produção de imagens, mais uma vez somos colocados diante de antigas questões sobre o problema da representação e da figuração. Insistir que estamos diante de algo “novo” seria apostar na ideologia do progresso contínuo.

Talvez o melhor caminho fosse pensar, como já fizeram muitos pensadores da filosofia e da sociologia da comunicação, que cada nova tecnologia transforma, “ecologicamente”, os modos de conhecer, como escreveu Pierre Lévy (1995)^[3], em As tecnologias da inteligência, ao apresentar-nos ao produtivo conceito de “ecologia cognitiva”.

É ainda Fischer (2007)^[1] quem afirma que instrumentos como a máquina fotográfica, a câmera de vídeo, a filmadora, **entre outros equipamentos da pós-modernidade**, organizam nosso olhar, apontam caminhos muito concretos **indicando** como podemos e devemos “apreender o real”, como podemos e devemos “enquadrar” rostos, cenas, corpos, sentimentos até.

Mas se considerarmos não apenas o sujeito que usa a máquina, capta e fixa as imagens, mas aquele que as recebe, o espectador do cinema e da televisão, por exemplo, temos que se abre aí um campo riquíssimo para estudiosos de diversas áreas do saber, sobretudo para educadores ocupados com as transformações nos modos de aprender: o fato é que à dimensão tecnológica se associa sempre uma dimensão simbólica fundamental. A literatura, o cinema, a pintura, todas as artes e, mais recentemente, a linguagem eletrônica e informatizada, todas essas práticas perturbam o grande modelo da representação, tão caro inclusive às práticas pedagógicas, ainda hoje. Ora, não há isomorfismo entre o visto e o falado, entre a palavra e a coisa. Criar, escrever, pintar também são dessa ordem, têm a ver com esse espaço que não se deixa apanhar por completo, que é luta, que é fuga do instituído, que jamais se torna forma fixa. Paradoxal é que, ao analisar práticas e materiais no âmbito das mais recentes tecnologias de informação e comunicação, e de produção de imagens digitais, muitas vezes observamos que o esforço está justamente em procurar reproduzir, no computador, a figura humana ou a paisagem mais próxima da “realidade”, mais próxima de uma “imagem tradicional”. (FISCHER, 2007)^[1]

Fischer (2008)^[4] engendra ainda que ao estudar o que ela tem chamado de “dispositivo pedagógico da mídia”, sempre estamos, de alguma forma, tratando de objetos, tecnologias e saberes históricos, imersos em relações de poder, produtores de subjetividades –, passo a comentar brevemente transformações culturais e sociais referidas anteriormente, e que apontam para necessários rearranjos em nossas práticas curriculares e didáticas, especialmente no ensino básico.

3 – A experiência 2007-2012: Literatura, Mídia e Educação a Distância

O trabalho que se desenvolve em Literatura – especialmente com a poesia contemporânea e com a prosa de forma geral, articuladas com a mídia na Educação a Distância que se propõe à formação continuada de professores, tem por finalidade articular um ensino-aprendizagem interativo, apresentando estratégias de ensino múltiplas: filmes, vídeos e textos literários.

Quanto à relevância científica e social das estratégias aqui apresentadas, vivenciadas pelas docentes, em seu papel de professoras pesquisadoras, espera-se que contribua no sentido de provocar os professores que atuam em nível médio, indagações sobre a aplicabilidade de diferentes estratégias metodológicas ao ensino de literatura, pois nas escolas de Ensino Médio, com as quais convivemos ao longo de vários anos com alunos e professores, notou-se uma problemática no ensino de Literatura. Os alunos não

compreendiam o porquê de estudarem nome de autores, obras e características de Escolas Literárias, o contexto histórico, para eles, era visto como um reforço da aula. de história, vazio de sentido e de substancialidade para a vida. Os professores, mesmo sabendo da opinião de seus alunos, demonstrada ora pelo descaso com o Conteúdo, ora expressa em falas; continuavam a agir como se nada acontecesse de anormal em suas aulas.

Este trabalho se atém a abordar o uso do texto literário, enquanto mídia importantíssima para o desenvolvimento prazeroso do conhecimento da própria literatura e do mundo, por meio da arte das palavras. O texto literário é a recriação da nossa realidade manifestada em arte. Os textos trazem problemáticas que falam ao coração dos homens, contados por homens que também sofrem, riem. Homens que, através da palavra "não mais em estado de dicionário", recriam o seu cotidiano, entrelaçado às suas ideologias, ora claramente expressa no texto, ora exigindo do leitor um interagir, levando-o a meditar sobre sua postura de agir no seu **dia-a-dia**.

Quebrar tradições dentro do ensino de literatura significa desprender-se da metodologia "estilo de época" ou "escola literária", deixando fluir o texto literário. E a partir dele, o texto literário, construir um aprendizado significativo de teoria literária e conhecimento de Língua.

Algumas questões se colocam vitais para a coerência de nosso trabalho: O que se pode fazer em relação à forma de ensinar e aprender Literatura vinculada à realidade do aluno em todos os momentos do processo ensino-aprendizagem? Recriar o conhecimento através da arte? Vinculá-lo a nossa realidade? Toda essa fundamentação teórica apresentada até então, permite-nos acreditar ser possível a interação e construção de um ensino-aprendizagem significativo tendo a partir dos textos literários a mola condutora.

Analisados por um ângulo, possibilitaria a apreensão da teoria literária e por outro ângulo, a compreensão de temáticas inseridas no contexto social do aluno, possibilitando produções de textos de qualidade. E a partir dos textos dos alunos, trabalhar a língua, reestruturando seus textos.

Atualmente, percebe-se nos livros didáticos a forma tradicional em como tratar conteúdos a serem trabalhados. Explicita uma metodologia que compartimentaliza o conhecimento de forma a distanciá-lo da possibilidade de

se construir o ensino já sistematizado, de forma a lhe dar vida, impossibilitando interação à realidade do aluno.

Em uma de nossas experiências com a literatura – no âmbito da formação de professores no AVEA – contamos nossa prática com o ensino de literatura em nível médio no Ensino presencial. Falamos da análise de obras literárias e de poesia:

A análise dos livros foi **realizada** oralmente, baseada no roteiro dado quando se estudou o gênero narrativo, enfatizando questões que possibilitaram compreender a arte-literária como prática social do estudante. Estas estratégias surgiram através do texto e contemplaram a fundamentação teórica desenvolvida nestes escritos.

São textos literários que após **serem** lidos, permitiram reflexões de fundo teórico-filosófico, literário, sociológico, político e econômico. Reflexões que tiveram motivos para acontecer, pois os textos trataram da nossa realidade recriada pela Arte, oportunizando ao jovem a possibilidade de construir uma ideologia, de expô-la com clareza de pensamento e assim fazer da literatura um trampolim para se chegar à criatividade e vinculá-la à sua prática social.

Utilizando-nos dos textos como ponto de referência para sanar problemas comuns **à** maioria, iniciou-se o ensino de ortografia, elementos coesivos, coerência textual, seguindo o programa gramatical e também extrapolando-o de, acordo com a necessidade. Retomou-se o texto literário, um mês após, trabalhando "O homem da cabeça de papelão" (João do Rio), com questões dissertativas, oral e escritas como: a) Como era o país que chamavam de Sol? b) Como Antenor se comporta no desenvolvimento do Conto? Ele expressa idéias políticas? c) O que significa, no Conto, ter uma cabeça de papelão? d) Como você explica o fato de Antenor somente conseguir êxito com a cabeça de papelão?

O texto permitiu a explanação de itens teóricos literários como figuras de linguagem, sentindo denotativo e conotativo e funções da linguagem, por ser o texto alegórico.

Exploraram-se interpretações trabalhadas com os alunos, a propósito de alguns dos textos para que o leitor tomasse conhecimento das questões e respostas, referentes a essa atividade de ensino durante todo o ano letivo.

Entre os textos interpretados, destaca-se: "Brasil" de Cazuza; "Pai Contra Mãe" de Machado de Assis; "A Moça Tecelã" de Marina Colasanti, por terem sido os textos que mais permitiram discussões, vindo a extrapolar o próprio texto, possibilitando o desvelar dos temas em nosso cotidiano.

“A moça tecelã” (Marina Colasanti): Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava. Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grosso fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela. Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com mais belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para o outro e batendo os grandes pentes do tear para a frente e para trás, a moça passava seus dias. Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio escuridão, dormia tranquila. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer. Mas tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha e, pela primeira vez pensou como seria ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio dos sapatos, quando bateram à porta. Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando na sua vida. Aquela noite, deitada contra o ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade. [...] A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou, e espantado olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela

já desfazia o desenho escuro dos sapatos e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu- lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, e emplumado chapéu. Então, como se ouvisse a chegada do sol a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

Este texto – parcial ou na íntegra – nos permitiu muitas possibilidades: intertextualidade com outros textos (especialmente o conto “Amor”, de Clarice Lispector), a obra fílmica “A hora da estrela”, da obra também de Clarice Lispector e obras fílmicas estrangeiras, como “Tomates Verdes Fritos”, todos **abordando as** temáticas femininas: a mulher, suas exclusões e suas inclusões nas diversas macro e micro-sociedades.

As interpretações de textos com questões elaboradas de forma a privilegiar a exposição do pensamento do aluno em relação à sociedade da qual pertence, inteirando-o com o meio, vem a formar um cidadão integrante. E mediante essa postura de ver o aluno co-participante, o professor fraga a constatação de construir um ensino-aprendizagem vivo e real.

Os textos literários analisados dessa forma, enriqueceram nossas aulas durante todo o semestre no sentido de levar-nos a questões que exigiam uma reflexão dissertativa. O texto era produzido mediante uma necessidade de se fazer ouvir, assim, podíamos transitar pela gramática e a produção dos textos.. A cada novo texto conotativo, iniciamos uma nova descoberta de atitudes, conhecimento, erros e acertos, aprimoramento, possibilitando-nos e aos alunos o contato com outras mídias – filme, vídeo e textos e outros gêneros.

Esta narrativa de nossas ações enquanto docentes no nível médio, foi feita a nossos professores em formação continuada no Curso de Especialização já citado ao início deste trabalho.

4 – Considerações finais

Ao finalizarmos nosso relato, assim como o fez Fischer em seus trabalhos de 2007^[1] e 2008^[4], gostaríamos de imaginar “a possibilidade de operar com os materiais midiáticos, nos espaços escolares, para além dos conhecidos exercícios de crítica reducionista aos meios de comunicação, que parece restringir-se majoritariamente a “desvelar” as intencionalidades das emissoras de televisão, dos produtores e diretores de cinema, identificando

ideologias, manipulações e distorções da “realidade”. Este parece – tanto para Fischer, quanto para nós professoras – ser o caminho mais fácil, o já trilhado, aquele em que não arriscamos descrever a complexidade dos processos comunicacionais. Apostar que há um emaranhado rico ~~de~~ **em** práticas, envolvendo toda uma **gama de** tecnologias de produção de imagens, do uso de figuras de linguagens (metáforas, metonímias, hipérboles, paradoxos...), do uso de textos, poemas, modos diferenciados de recepção e apropriação de narrativas audiovisuais, é apostar na análise das mídias como elementos fundamentais da cultura contemporânea.

Tanto para Fischer (2008)^[4] quanto para nós, significa também arriscar a pensar que há um sem-número de materiais audiovisuais, do cinema, do vídeo e da televisão, em que as escolhas éticas e estéticas dos criadores se pautam pelas incertezas da linguagem, pelo não fechamento das interpretações, pelas pequenas cintilações de uma obra aberta, disponível a um criativo gesto educacional. Apoiando-nos na leitura de um conto de Guimarães Rosa ou de Machado de Assis, de Marina Colasanti ou Clarice Lispector... Por que não? As possibilidades são infinitas. E podem propiciar que nós, professores, alunos e alunas, ousemos criar um saber-fazer, como ferramentas diferenciadas para pensar de outro modo o presente que vivemos. E, como Fischer, é isso que pensamos e é isso que fazemos nesta estrada da experiência com os fazeres educacionais.

Referências

[2] DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. Trad. Mateus Araújo Silva. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

[1] FISCHER, Rosa M. B., *Novas tecnologias? Ou transformações históricas nos modos de fazer e aprender?* **Revista de Educação** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.

[4] FISCHER, Rosa M. B., *Sobre linguagem audiovisual e representação: novos(?) problemas para a educação*. **Revista de Educação** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008

[3] LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.